

**Conferência Internacional: Esporte, Inclusão Social de Jovens e Prevenção da Violência**  
**Luta pela Paz & UNESCO**  
**Biblioteca Parque do Estado, Rio de Janeiro: 5 de maio de 2016**

No ano das Olimpíadas no Rio de Janeiro, a Luta pela Paz somou forças à representação da UNESCO no Brasil para reunir diferentes atores – entre representantes de organizações comunitárias, órgãos da Justiça, do Governo e agências internacionais – para discutir e identificar os benefícios e desafios da utilização do esporte como ferramenta para inclusão social e prevenção da violência entre os jovens.

**Abertura:**

*Marlova Jovchelovitch Noletto, Diretora da Área Programática, Representação da UNESCO no Brasil*

*Luke Dowdney, Fundador & Diretor, Luta pela Paz*

O fundador da Luta pela Paz, Luke Dowdney, abriu a conferência nos lembrando que, durante as décadas de 1980 e 1990, esportes eram vistos apenas como uma atividade física, e não uma ferramenta para mudança social. A Luta pela Paz começou em 2000 e cresceu, aderindo ao movimento dos esportes para o desenvolvimento, à medida que a metodologia ia se tornando cada vez mais sofisticada e capaz de demonstrar o impacto social através de indicadores qualitativos e quantitativos. O objetivo da conferência é: dar destaque aonde temos sido bem sucedidos em usar o esporte como uma ferramenta para a redução da violência entre os jovens; identificar aonde temos enfrentado dificuldades, limitações do esporte e dificuldades enfrentadas no passado; e nós, como profissionais da área, discutir a direção em que o movimento está indo, a fim de fazer recomendações para o futuro.

Marlova Jovchelovitch destacou que o acesso ao esporte é um direito humano, e que o esporte tem o poder de empoderar e transformar os jovens. O esporte pode, ainda, ajudar os jovens mais violentos e vulneráveis a compreenderem regras e a obedecê-las. Marlova também reforçou que os jovens mais pobres, em especial os jovens negros, são as principais vítimas da violência no Brasil.

**1) Esporte na Linha de Frente: Troca de Experiências e Conhecimento entre projetos de organizações comunitárias.**

Mediadora: Marielle Franco, Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ).

Panelistas: Marcellus Baz, Fundador, *Switch Up* (Nottingham, Reino Unido), Beatriz Mejia, Diretora, *Grupo Internacional de Paz* (Medellín, Colômbia), Ana Caroline Belo, Coordenadora de Projetos, *Luta pela Paz* (Rio de Janeiro, Brasil), Joana Miraglia, Gerente Executiva, *Instituto Reação* (Rio de Janeiro, Brasil).

Objetivo: Compartilhar experiências e identificar as principais recomendações para profissionais do (terceiro) setor que desejam implementar projetos esportivos como ferramenta de inclusão social e prevenção da violência entre jovens.

Marielle Franco, nascida e criada na Maré, mediou a discussão. Ela perguntou aos panelistas duas questões: “Como o esporte pode ser uma ferramenta efetiva para a prevenção da violência entre jovens?”; e “Quais são as suas recomendações para os profissionais do (terceiro) setor que desejam incluir projetos esportivos como ferramenta para prevenção da violência?”

Alguns dos temas que foram recorrentes na discussão incluíam: a importância do trabalho/articulação em rede; empregabilidade / “formação profissional” e a necessidade de formação política.

*1. Como o esporte pode ser uma ferramenta efetiva para a prevenção da violência entre jovens?”;*

Marcellus Baz: Tem um histórico pessoal de privação e violência, e ficou preso em um círculo de crimes. Vê semelhanças entre o Brasil e a Inglaterra, como as vidas perdidas – sejam por morte ou por reclusão penitenciária – e o alto nível de desemprego entre os jovens. O boxe lhe trouxe disciplina, bem-estar, e aquele sentimento de ‘parabéns! Você conseguiu!’ pela primeira vez em sua vida. Os valores do boxe podem ser transpostos facilmente para o cotidiano, ajudando jovens a lidar com a raiva e dando-lhes exemplos positivos. Fundou duas organizações: uma que trabalha apenas com boxe e outra que oferece apoio integral.

Beatriz Mejia: O esporte é tão natural como o narcotráfico em algumas comunidades, e, por isso, é uma forma fácil/natural de envolver os jovens. Nestes contextos, o esporte não pode ser apenas uma atividade para ocupar o tempo livre dos jovens, uma vez que a violência e o tráfico de drogas fazem parte do cenário como um todo – nas escolas e também nas famílias – e não apenas nas ruas. GIP trabalha integrando as dinâmicas comunitárias e familiares, tratando os jovens como indivíduos holísticos.

Joana Miraglia: Nós não queremos formar qualquer atleta. Nós queremos formar atletas que são responsáveis e que envolvam as pessoas através de valores. A chave para isso é ajudar os jovens a desenvolverem suas habilidades e autoconfiança. Para alcançar isso, o esporte deve estar combinado com atividades de outras áreas, como educação e assistência social.

Ana Caroline Belo: O esporte permite que os jovens sejam reconhecidos em suas comunidades de outras formas. Não como alguém que segura uma arma, mas que usa uma luva (de boxe) ou que veste um quimono (de luta).

*2. Quais são as suas recomendações para os profissionais do (terceiro) setor que desejam incluir projetos esportivos como ferramenta para prevenção da violência?”*

Marcellus Baz: Enfatizou a necessidade de ser sempre consistente, aberto, transparente, honesto e paciente, porque estes jovens são aqueles que sempre foram deixados de lado. Ensiná-los habilidades de vida simples, como gestão de tempo, e dar continuidade ao que se faz, e estar disponível quando eles precisam de você – mantendo sempre a porta aberta para aqueles que ainda não estiverem prontos. Criar uma rede de apoio também é fundamental (com hospitais ou entidades de assistência social).

Beatriz Mejia: O desafio é desnaturalizar o crime e a violência, e fazer com que as pessoas se sintam desconfortáveis com isso; cultivar um senso crítico. Eles precisam de ajuda para serem capazes de responder às ameaças externas como drogas, armas, dinheiro sujo/ilegal. Nós não vamos tirá-los do envolvimento com a violência da noite para o dia – é quase como plantar uma semente em suas mentes, tentando mostrar-lhes que outras realidades existem. “Não faz sentido cuidar apenas das folhas das árvores – é preciso chegar até a raiz”, e descobrir o que motiva a violência. O esporte consegue suprir algumas dessas necessidades, mas não consegue suprir todas.

Joana Miraglia: Os treinadores devem entender que existem muitos fatores relacionados ao desenvolvimento e crescimento dos jovens, e que caminham lado-a-lado com o esporte. Para fazer a diferença, a equipe precisa ser composta de profissionais muito bem treinados, que estão alinhados e comprometidos com as metas da organização. *Se nós tivermos muitos pequenos projetos, em diferentes áreas, cada um deles fazendo um pouquinho – mas com qualidade, então talvez nós possamos encorajar e influenciar políticas públicas. Uma equipe multidisciplinar é essencial.*

Ana Caroline Belo: A Luta pela Paz cresceu com a participação dos jovens. É fundamental ouvi-los para ser flexível às suas mudanças e adaptar os projetos como resposta a isso – ter legitimidade junto à comunidade é fundamental. Ela reforçou a importância de misturar esporte com cidadania, para motivar os jovens a terem uma visão diferente sobre a comunidade, aprenderem a respeitar e interagir com os outros, e também a acreditarem que são capazes de mudar sua realidade.

### *3. Perguntas do mediador e da plateia.*

Questões que surgiram:

- Como as organizações conquistaram/desenvolveram questões como de ‘formação profissional’ e ‘formação política’?
- Como trabalhar em rede com outros serviços?

Marcellus: Sobre trabalhar em rede: estabelecer relações com serviços de apoio social, polícia, escolas. Os mentores e professores precisam estar atentos aos sinais/sintomas dos jovens e serem uma ponte entre estes e os serviços da rede de apoio, para garantir que o ‘sistema’ não lhes deixe na mão. Sobre empregabilidade: nós precisamos fazer com que os jovens estejam prontos para o trabalho. É fácil inseri-los em empregos que não conseguem manter. Por isso, eles precisam de treinamento para estarem aptos a trabalhar, aprendendo a controlar o próprio tempo, a manter contato visual, a se comportar profissionalmente, e ajudando-os a saber o que esperar, para que eles tenham mais chances de se manterem nos empregos. Formação política é muito importante porque os jovens precisam entender o poder do voto. Eles trazem políticos locais para falarem sobre as eleições regionais e nacionais, e discutem sobre como os jovens podem influenciar sua própria realidade.

Ana Caroline Belo: Sobre conscientização/formação política – nós trabalhamos estes temas com os jovens através do Conselho Jovem, desde a forma como ele é eleito e constituído, até as aulas de cidadania e os debates, construindo ideias em conjunto. Sobre empregabilidade: os cursos e formações devem responder aos interesses dos

jovens. Nós também realizamos “feirões de emprego” que servem não apenas aos jovens, mas a toda a comunidade da Maré, trazendo nossos parceiros para a comunidade.

## **2) Construção de Paz e Inclusão Social de Jovens: ações de garantia de cumprimento das leis e outros projetos de governo podem utilizar esporte para promoção da paz?**

Objetivo: identificar como o Esporte pode ser usado estrategicamente, e em larga escala, para prevenção da violência.

Mediador: Beto Chaves, Delegado da Polícia Civil (Rio de Janeiro, Brasil)

Panelistas: Camila Escobar, Diretora de Planejamento, *Inder Sports and Recreation Institute* (Medellín, Colômbia); Nason Buchanan, Gerente Regional de Projetos, *Mayoral Gang Prevention Unit* (Los Angeles, EUA); Thomas Abt, *Harvard University* (Boston, EUA); Leriana Figueiredo, Superintendência de Prevenção, *Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, Brasil).

Beto Chaves, um delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro, e diretor do bem-sucedido projeto “Papo de Resposta”, abriu o painel lembrando que um dos principais motivos pelos quais a violência existe no mundo é a existência dos ‘muros que nós mesmos construímos’. Ele disse que para haver coexistência pacífica, é necessário mudar a forma como pensamos. Então, fez duas perguntas aos participantes do painel:

### *1. Quais são os objetivos-chave do seu projeto para engajar os jovens e construir a paz?*

Nason: Em Los Angeles, a prefeitura implementou uma abordagem global para a prevenção da violência de gangues, desde a detecção de sinais de alerta até engajar-se com membros de gangues, usando ex-membros como conselheiros. Eles usam uma estratégia em quatro frentes: (I) CEC – os funcionários vão até as escolas locais e fazem apresentações sobre os serviços públicos gratuitos que são oferecidos, incluindo a recompra de armas (uma vez por ano), a troca de armas por vale-presentes dos comércios locais, e o derretimento das armas apreendidas para confecção de obras de arte; (II) Serviços de Prevenção – para jovens entre 10 a 15 anos de idade, identificando 9 fatores de risco em potencial, e oferecendo apoio à família; (III) Intervenção nas Gangues – trabalhando com jovens que já estão envolvidos com gangues, grupos de gangues multi-geracionais, identificando o quão envolvidos estão os membros na cultura de gangue. Também trabalham com jovens detentos por até 90 dias antes que eles terminem o cumprimento de suas sentenças. Membros de gangues que não querem fazer parte da intervenção também recebem apoio para tirar seus documentos, etc.; (IV) Resposta – organizando encontros entre membros de gangues e a polícia. Eles não resolvem os crimes, mas ajudam a polícia a identificar tendências, e sua missão é a de evitar a retaliação.

Leriana: É raro ver uma política pública que tem como foco o jovem. Os mais comuns são políticas públicas para jovens que ‘estão em evidência’ [negativa]. Programas de prevenção para apoiar os jovens não devem vir apenas da polícia – outros atores

precisam estar envolvidos também. Boa parte do desafio está em envolver estes diferentes atores a sentarem com os agentes de segurança pública na tentativa de construir algo em conjunto.

Thomas: Nos EUA o foco é usar pesquisa e dados para tomar melhores decisões, identificando 'áreas com maior concentração de crimes' e tendências.

Camila: Em 2004, INDER começou a atuar em áreas de Medellín com os piores índices de qualidade de vida, onde a presença do Estado era praticamente nula. A presença do INDER sempre foi marcada por muita credibilidade – e ser capaz de gerar confiança (nestes cenários) é um elemento-chave. Países em desenvolvimento sempre lutam para acreditar que eles podem mudar as coisas, mas através de soluções rápidas, simples e criativas (tal como um teleférico ligando 'o asfalto e a favela') Medellín mostrou que isso é possível.

## *2. Como o Esporte pode ter um impacto significativo nesse processo?*

Nason: Eles usam dados para identificar as áreas com maior concentração de crimes e, durante o verão, organizam um programa chamado "Luzes Noturnas de Verão" (em tradução livre, do inglês Summer Night Lights), que ocupa as praças e parques das vizinhanças entre as 19h e 00h (quando a maioria dos crimes acontecem) com atividades gratuitas, encorajando membros de gangues a participar. Esportes são parte importante deste programa – que conta com ligas de softball, basquete e futebol.

Leriana: Quando você tem a polícia entrando em um território e resistência dos dois lados, como você constrói novas realidades e relações? Uma ferramenta foi o uso do esporte e, em grande medida, esportes de combate, de modo que a polícia pudesse estruturar sua abordagem para construir confiança junto aos jovens, particularmente com aqueles que nunca haviam se envolvido em outras atividades antes. Eles estão trabalhando em 38 comunidades, com uma média de 6.000 crianças e adolescentes por mês. Um dos exemplos é o do Morro dos Prazeres, que começou como um projeto da polícia e que passou a ser de responsabilidade da própria comunidade.

Thomas: O Esporte pode ajudar indivíduos e comunidades, mas nós não podemos nos transformar em evangelizadores do esporte. Esportes também podem promover valores negativos, e não existe nenhuma evidência que sugira que esportes podem, por conta própria, melhorar as comunidades. Nós devemos ser realistas sobre o que pode e o que não pode ser alcançado com esportes, de uma forma mais ampla. Devemos usá-los como estratégia de engajamento, e dar prosseguimento com práticas validadas/chanceladas: (I) engajamento social positivo: alta qualidade, intensa conexão entre adultos; (II) mudança na forma de pensar (via CBT programmes): se a forma de pensar não muda, os jovens não poderão aproveitar as oportunidades da melhor forma possível; (III) trabalhar com jovens mais difíceis de acessar: pequenos grupos de indivíduos são responsáveis pela maior parte da violência. É aqui que o boxe e as artes marciais fazem a diferença – porque conseguem atrair a atenção destes grupos em especial.

Camila: O Esporte pode ser mais uma dessas soluções (simples, rápidas, criativas), mas deve ser parte de um processo mais amplo.

### 3. Perguntas do mediador e da plateia.

Questões que surgiram:

- Como outros países lidam com o fenômeno do encarceramento juvenil como forma de tratamento e punição
- Organizações que fazem um bom trabalho, mas, mesmo assim, não conseguem influenciar política pública
- Impactos da preferência por esportes de competição em relação às questões de gênero (e de violência de gênero)
- Como lidar com o tráfico de armas nos EUA

Nason: Em Los Angeles eles têm a sorte de contar com um prefeito que compreende a importância dos serviços de prevenção, e focam na questão da reabilitação – assistindo às pessoas egressas da prisão a se reintegrarem à sociedade. Atualmente, estão trabalhando num acordo com empresas para oferecer mais de mil empregos, ao longo dos próximos três anos, para ex-detentos. Sobre a questão das armas: a legislação é muito restrita em Los Angeles, mas muitos ainda preferem correr o risco de estarem armados do que desarmados.

Leriana: Sobre políticas públicas: acreditamos que existe a possibilidade de influenciar políticas públicas, talvez não de forma muito estruturada ou sólida, mas são eventos como este (seminário) que podem aumentar a visibilidade deste tipo de debate. Não podemos perder a oportunidade de estarmos no meio de um ano Olímpico para atrair mais atenção para estas questões.

Thomas: Na América Latina, as pessoas tendem a sofrer com penas muito duras, mesmo sem serem julgadas de forma apropriada. Nós precisamos encontrar o “tipo certo de punição” e buscar apoio público para isso. Sobre a questão das armas: O debate sobre controle de armas é bom, mas não deveria ser a única questão. Nós precisamos pensar em como garantir que as armas não estejam nas mãos dos jovens numa sexta-feira à noite quando eles estão bebendo com seus amigos – e isso é totalmente plausível do ponto de vista de políticas públicas.

### **3) Esporte pela Paz e Desenvolvimento: Próximos Passos?**

Objetivo: Discutir e identificar tendências futuras, estratégias e riscos do uso do esporte para desenvolvimento humano.

Mediador: Flávio Canto, Fundador do Instituto Reação e apresentador da TV Globo.

Panelistas: Luke Dowdney, Fundador, *Luta pela Paz* (Rio de Janeiro, Brasil); Fabio Eon, Vice Coordenador de Ciências Sociais e Humanas, *Representação da UNESCO no Brasil*; Vanderson Berbat, Gerente Geral de Educação, *Rio 2016* (Rio de Janeiro, Brasil); Fabiana Gorenstein, Programa de Proteção à Criança, *UNICEF*; Louise Bezerra, *Rede Esporte para Mudança Social (REMS)* (Brasil); Ricardo Vidal, *Atletas pelo Brasil*.

Recomendações:

Para o Brasil investir mais no esporte, principalmente proporcionando às crianças uma variedade maior de esportes desde cedo.

Instituições voltadas para o desenvolvimento através do esporte, também devem se tornar mais organizadas, usar indicadores, fortalecendo a área de Monitoramento & Avaliação (M&A), e tornando-se, assim, mais transparente.

Flávio iniciou o painel apontando que atletas tem a responsabilidade de inspirarem jovens através de valores como determinação, disciplina e responsabilidade. Então, apresentou as seguintes questões aos panelistas:

### *1. Como sua organização usa esporte para paz e desenvolvimento?*

Luke: Não é apenas o que a Luta pela Paz faz, mas como nós fazemos: nós criamos uma cultura mútua, na qual um espaço físico como uma academia de esporte se torna realmente importante porque através dela reforçamos uma cultura de paz e respeito, e isso é reforçado pelos jovens que ingressam na academia. A beleza do boxe e das artes marciais está no fato de que você pode ser uma pessoa pacífica, mas forte, e isso também faz parte da nossa cultura. A Luta pela Paz tem três focos: (I) comunitário: citando o exemplo da Ana Carolina, criando nossa metodologia em conjunto com os jovens e a comunidade; (II) criação da nossa rede “Global Alumni Network”: em vez de competir por recursos com várias organizações com o mesmo objetivo de trabalho, a Luta pela Paz decidiu compartilhar sua metodologia e construir uma rede de parceiros locais; (III) o próximo passo foi mais estratégico, para ajudar pequenas organizações com poucos recursos a se conectarem com organizações maiores, que possuem sistemas de M&A, etc. Por essa razão nós abrimos um escritório na Jamaica, almejando criar políticas públicas com parceiros locais e stakeholders, por meio de uma abordagem de impacto em conjunto. Este programa, conhecido como Safer Community Incubator, também vai ter início na África do Sul este ano.

Ricardo: Uma das melhores coisas que a “Atletas do Brasil” fez foi garantir mais transparência na forma como os esportes são organizados, garantindo que sempre haja mudanças na liderança das federações esportivas, por exemplo.

Vanderson: Desde os Jogos Olímpicos de Sidney, o movimento olímpico deve sempre envolver um componente educacional. Os Jogos do rio decidiram capacitar mais de 25 mil professores de educação física em mais de 10 mil escolas ao redor do Brasil, porque os professores têm um enorme potencial de influência. Poucos esportes são ensinados no Brasil porque a maioria dos professores não os conhecem – no programa da Rio 2016, os professores tiveram um treinamento intensivo de 3 horas para conhecerem os aspectos básicos de um novo esporte. Quando uma criança aprende um novo esporte, não há ‘bullying’ porque ninguém é ‘novato’.

Fábio: A UNESCO tem, desde 1978, reconhecido o esporte como um direito humano fundamental, e o vê interligado também com manifestações culturais – apoiando os

Jogos Tribais, por exemplo, que estão em vias de extinção. No ano passado a UNESCO revisou os documentos de 1978, atualizando-os, e adicionado questões de Gênero e Deficiência como exemplos de áreas que o esporte tem o potencial de transformar. Precisamos pensar em políticas duradoras, e não apenas discussões limitadas para quando as Olimpíadas estão envolvidas. Estas políticas devem representar todas as classes, raças e gêneros.

*2. Avançando com a agenda, como você vê as tendências futuras, as estratégias e os riscos ao usar esporte para promoção do desenvolvimento humano?*

Luke: Em muitas comunidades ao redor do mundo, há apenas um treinador para trabalhar com os jovens locais, muitas vezes sem qualquer apoio substancial. Essas pessoas não têm a estrutura ou os recursos de uma grande organização, e nunca terão. Mas eles têm uma conexão crucial com suas comunidades, então precisamos investir neles para criar espaços de tolerância e respeito. Nós também precisamos nos tornar protagonistas no debate sobre o esporte como uma ferramenta para a prevenção da violência, melhorar o monitoramento, a avaliação e o processo de aprendizagem em projetos comunitários. Há também uma inconsistência em comportamentos e valores em algumas agências esportivas em comparação com os valores e comportamentos que o esporte para o desenvolvimento se propõe a ensinar – a equipe que trabalha nestas federações precisam demonstrar os valores que eles estão dispostos a sustentar. Finalmente, precisamos começar a compreender que o esporte de elite e o esporte para o desenvolvimento podem ter espaço no mesmo programa e não são mutuamente exclusivos, como acontece com os nossos jovens da Luta pela Paz, que têm se tornado campeões no ringue e/ou campeões na vida.

Ricardo: O Brasil tem a capacidade de parar de assistir esportes completamente, mas o país precisa aprender a consumir esportes de forma mais ativa. Também precisamos de mais investimento: 37% das prefeituras no Brasil não tem um orçamento próprio para a esportes.

Vanderson: O Esporte deveria ser obrigatório nos anos iniciais da educação, porque ensina coordenação motora, entre muitas outras habilidades. Mais esportes precisam ser ensinados no Brasil, e investir em capacitação técnica é a forma mais barata e rápida de mudar as coisas – não construir novos ginásios ou somente em infraestrutura.

Fábio: Nós precisamos romper a lógica das políticas cíclicas no Brasil – precisamos ter políticas públicas consistentes que permaneçam no lugar, a despeito das mudanças políticas.

Louise: O sonho é termos programas esportivos governamentais com indicadores, transparência, relatórios financeiros disponíveis ao público – o que não é realidade no momento, uma vez que o sistema está estruturado para o dinheiro desapareça. Só 1% do orçamento de São Paulo vai para o Esporte, mas eles não fazem ideia de quantos equipamentos/professores eles têm.

**Reflexões Finais:**



Concordou-se que o Esporte pode ser uma ferramenta poderosa para prevenção da violência juvenil, e que Boxe & Artes Marciais podem ser particularmente úteis em áreas com altos níveis de violência juvenil. Porém, o esporte precisa fazer parte de uma abordagem mais holística para trazer uma mudança efetiva, idealmente envolvendo uma rede de atores de apoio, tentando chegar às causas da motivação da violência juvenil.

Observou-se que no Brasil existe uma necessidade real por maiores investimentos em Esporte, particularmente para expor as crianças a uma maior variedade de esportes desde mais novos. Instituições esportivas também precisam se profissionalizar, utilizando indicadores, fortalecendo uma cultura de Monitoramento & Avaliação e se tornando mais transparentes.